

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JOANA ANTAS FERREIRA

O ESTRANHAMENTO DO HUMANO MEDIANTE OS SERES HÍBRIDOS

SERRA TALHADA – PE

2018

JOANA ANTAS FERREIRA

O ESTRANHAMENTO DO HUMANO MEDIANTE OS SERES HÍBRIDOS

Monografia apresentada ao Curso de Graduação como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Professor Orientador: Dr. Jean Paul D'Antony Costa Silva

SERRA TALHADA – PE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

F383e Ferreira, Joana Antas

O estranhamento do humano mediante os seres híbridos /
Joana Antas Ferreira. – Serra Talhada, 2018.
32 f.: il.

Orientador: Jean Paul D'Antony Costa Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura
em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco.
Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2018.

Inclui referências.

1. Alma na literatura. 2. Humanidade. 3. Cinema e literatura
I. Silva, Jean Paul D'Antony Costa, orient. II. Título.

CDD 400

O ESTRANHAMENTO DO HUMANO MEDIANTE OS SERES HÍBRIDOS

Monografia apresentada ao Curso de Graduação como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Professor Orientador: Dr. Jean Paul D'Antony Costa Silva

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jean Paul D'Antony Costa Silva

**Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada
Orientador**

Prof. Dr. José Antônio Feitosa Apolinário

UFRPE/UAST - 1º examinador

Profª. Drª. Nicoles Louise Macedo Teles de Pontes

UFRPE/UAST - 2º examinador

Dedico esse trabalho a todos aqueles que de alguma maneira contribuíram para a realização desse feito...

Agradecimentos

Antes de qualquer coisa, antes de qualquer pessoa, quero agradecer a Deus por jamais, em nenhum momento ter me deixado sozinha nessa jornada de mais de cinco anos. Por ter estado comigo nos momentos mais difíceis carregando-me em seus braços quando já não podia mais caminhar, abrindo portas quando não havia mais saída e colocando pessoas em meu caminho que estavam dispostas a estender as mãos e ajudar-me sem esperar nada em troca. Por ter me feito passar pelos vales e montanhas da dificuldade e ter me feito chegar ao outro lado apenas com os arranhões e cicatrizes do aprendizado, por não ter deixado que me afogasse em meio aos rios e mares das provações, do desânimo e da desesperança, por ter sido o meu refúgio e a minha fortaleza em tempos de angústia, Te agradeço.

Ao meu pai, Pedro Henrique Ferreira pelo incomensurável esforço que fez para me manter estudando em uma Universidade Federal de qualidade, mesmo sem ter a mínima condição para fazê-lo, o fez com maestria e sem reclamar da falta de alguma coisa dentro de casa. Pelo apoio que sempre me deu, por me ensinar a fazer o que era certo independente das consequências, por ter me mostrado que não havia o que temer enquanto estivesse ao meu lado, pela criação maravilhosa e por todo o amor que transborda. Obrigada.

A minha mãe, Iraide Antas Cordeiro pelo grande apoio que me deu em todos os momentos, por nunca ter se negado a me ajudar quando precisei, enfim, pela presença e também pela ausência, obrigada.

Ao meu irmão Samuel Antas Ferreira, vulgo Bi, que apesar das grandes críticas pela escolha do curso de Letras, sempre me ajudou em tudo, inclusive nas tarefas domésticas, bem como no fato de nunca reclamar pela falta de coisas muitas delas necessárias, mas que não poderiam ser feitas ou compradas comigo estudando para que não me faltasse o básico, por essas e outras renúncias que fez por mim, muito obrigada.

Ao meu esposo, Felipe Ariel Rodrigues Nunes que desde quando me conheceu, sempre me apoiou me incentivou e reclamou comigo para não deixar nada para a última hora, pelo carinho e pelas críticas, obrigada.

Aos meus demais irmãos, Junior, Manoel Messias, Maria das Graças, Gabriel, Francisca, Francisco e Sélia que mesmo distante, sei que sempre torceram por mim.

Aos meus amigos (as), Ana Paula, Célia, Elivânia, Claudia, Francisca, Elisângela, José Alex, José Neto, Rodrigo, Israel Candido, Israel Soares, Ana Livia, Larissa, que muito se alegraram com a minha conquista de ingressar numa universidade federal e/ou me ajudaram em algum momento ao longo desse período, obrigada.

Em especial, a minha grande amiga Valesca Talita Viturino dos Santos que sem sombra de dúvidas, foi uma das pessoas que mais me ajudou ao longo de todo esse curso, inclusive neste presente trabalho, enfim, sem palavras para agradecer tanto a ela como aos seus familiares que se fizeram uma grande família para mim também, as suas irmãs, Viviani, Vanessa, Valquiria, Diana, sua mãe Ana Severa (dona Santa), seu pai José Viturino (Zitinho), seu esposo Cleonaldo, em suma, a toda a sua família, citados e não citados.

Aos meus pastores, que querendo ou não, acabam fazendo parte da nossa vida pelo acompanhamento que nos dão seja em relação aos problemas ou as alegrias, onde posso citar como pessoas que jamais esquecerei o apoio, Pr. Diniz e sua esposa Márcia que foi como uma mãe para mim, suas filhas Débora, Mayara e Jasiely, que se fizeram verdadeiras irmãs. Ao Pr. Manoel e a sua esposa irmã Marli, pessoas excepcionais que tiveram um cuidado muito especial comigo enquanto estiveram comigo e ao grande Pr. Nedabias Araújo e sua esposa irmã Ester com quem sinceramente, nem conseguiria descrever tudo o que fizeram por mim e o quanto aprendi com eles. Obrigada a todos.

Por fim, mas não menos importante, ao meu querido orientador Jean Paul d'Antony Costa Silva a quem escolhi como tal não porque fosse o mais simpático e compreensivo dos professores, mas justamente pela sua severidade e gosto literário singular os quais me fizeram acreditar acertadamente que independente do que acontecesse, ele não me deixaria com algo que não fosse realmente bom e mesmo enfrentado um momento tão difícil de sua vida nessa reta final do meu curso, nunca se esquivou de me ajudar, pelas muitas críticas e cobranças e pelos esporádicos elogios, obrigada, sem dúvida, era exatamente do que eu precisava.

Porque eis que passou o inverno: a chuva cessou e se foi. Aprecem as flores na terra e o tempo de cantar chega [...], pois bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos Teus pensamentos pode ser impedido.

(Cantares 2.11-12; J6 42.2)

RESUMO

Este trabalho buscou realizar observações de caráter humanístico baseando-se nas perspectivas de diversos autores com obras que apresentam características pós humanos sendo as escolhidas *Não me abandones jamais* (2016) e *The machine* (2013), esta última, uma obra cinematográfica dirigida por Caradog W. James trazida para o Brasil com o nome *Soldado do Futuro* e a primeira, uma obra literária do autor japonês Kazuo Ishiguro. Buscamos analisar como a humanidade é posta em xeque em ambas as obras e como isso se reflete na sociedade atual, bem como abordar características dos personagens presente nas obras em questão, quais as semelhanças e as diferenças apresentadas em cada uma e como elas conversam entre si. À medida que mostraremos também os conflitos apresentado nas obras que muitas vezes se assemelham a vida real. O objetivo principal desse trabalho é mostrar, o estranhamento do humano no que se refere aos seres híbridos, e como cada personagem se apresenta nas respectivas histórias. Diante dessa perspectiva, desenvolveu-se uma pesquisa explicativa, com base em textos bibliográficos, o que gerou a seguinte indagação: O que leva o indivíduo a ser considerado humano? Sendo assim, as obras serão analisadas dentro do âmbito Literário e cinematográfico, baseando-se em conceitos teóricos de autores, a citar: Martin (2005), Lima (2005), Paiva (2007), Tomaz Tadeu (2009), Maurice Blanchot (2013), René Descartes (2002), Marcel Martin (2005) e outros.

PALAVRAS CHAVE: Clones, Hibridismo, Alma, Humanidade, Humano.

ABSTRACT

This work searched to do comments about humanistic character based on several authors perspectives, with works that present post-human characteristics. We choose *Never let me go* (2016) and *The machine* (2013), the last, a cinematographic work directed by Caradog W. James, brought to Brazil with the name of *Soldier of the future* and the first, a literary work by the japanese author Kazuo Ishiguro. We search to analyse like the humanity is putted in check in both of works and like it reflects in atual society, as well as address in the personage characteristics present in the works in question, which are the similarities and differences presented in each one and like they talk to each other. As we Will also show the conflicts presented in the works that often seem with the real life. The main objective of this work is to show, the estrangement of the human being about the hybrid beings, and like each personage presents it selves in there spectve histories. In front of this perspective, we developed a explanatory research, based on bibliografic texts, what generate the following question: What makes a subject to be considered a human being? There fore, the works Will be analysed with in the literary and cinematographic scope, based on theoretical concept so of authors, to quote: Martin (2005), Lima (2005), Paiva (2007), Tomaz Tadeu (2009), Maurice Blanchot (2013), René Descartes (2002), Marcel Martin (2005) and others.

KEYWORDS: Clones, Hybridism, Soul, Humanity, Human being.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I CLONES PODEM SER HUMANOS?	12
CAPÍTULO II “ONDE TERMINA O HUMANO E ONDE COMEÇA A MÁQUINA?”	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	30

INTRODUÇÃO

A complexidade que comporta o ser humano vai além da simples compreensão racional, uma vez que cada indivíduo trás consigo uma personalidade única e peculiar, e totalmente mutável, a qual é moldada a sua própria maneira, à medida que vivencia suas experiências, suas ideologias vão mudando, se realocando, para que o mesmo possa se adaptar ao ambiente ao qual se encontra inserido.

Desde os tempos mais remotos a humanidade se deparou com inúmeras indagações relacionadas à sua existência, como ela se deu em que momento se deu, através do quê e/ou de quem passou a existir, entre outras. E para cada um desses questionamentos houve e ainda há uma busca incessante por respostas, respostas estas que por sua vez foram admitidas de maneiras distintas de acordo com o tempo de cada nação, comunidade, ou etnia que, no que lhes dizia respeito, adotaram a concepção que melhor atendia e encaixava-se no contexto de suas crenças, ficando assim em comum entre elas, ou pelo menos em sua maioria, apenas a convicção que tudo isso se deu mediante a intervenção de uma divindade.

Para além de todas as indagações existenciais, ainda assim uma série de outras questões, sem explicações imediatas, permearam as mentes dos humanos, “por que as pessoas morrem?” Por exemplo, ainda em dias atuais, trata-se de um questionamento comum e que amedronta a muitos, ao passo que para tantos outros é um alívio saber que independente do que faça ou deixe de fazer, terá o mesmo fim que todos os outros seres vivos, fim esse que não apenas o privará da alegria de viver, como também encerra todas as suas agruras, seus medos, suas inseguranças, incertezas, problemas, frustrações, tudo se desfará em um rápido momento.

No entanto, a questão da morte provoca acima de tudo muito medo na maioria dos seres humanos, medo este, que tem motivado grandes descobertas científicas na área da medicina e farmacologia e outras, porém, a modernidade e tantos avanços tecnológicos têm trazido novas possibilidades driblar a morte e prolongar o tempo de vida, a genética e a robótica.

Tanto a genética quanto a robótica desenvolvidas no sentido da alopatia abrem um grande leque de possibilidades, se por um lado a genética se propõe a realizar a cura

de cânceres malignos com transplantes de células-tronco, ou a clonagem de células sadias de um indivíduo que por serem perfeitamente iguais as originais, elimina-se qualquer chance de rejeição pelo organismo transplantado tornando assim qualquer órgão ou tecido renovável; em contrapartida a robótica se propõe a fazer grandes feitos na recreação de praticamente qualquer membro, órgão ou tecido de um corpo, o que o tornaria indestrutível, se uma peça adquire qualquer problema de funcionamento, é só receber a devida manutenção e tudo ficará como novo.

O fato de haver um fim eminente para todas as coisas, fomenta no homem a busca por artifícios que o possibilitem safar-se dessa predisposição. Alquimistas passaram décadas em busca de uma pedra filosofal, de um elixir da longa vida que possibilitasse a todo aquele que beber, permanecer vivo eternamente. Esse elemento, é claro, jamais foi encontrado ou produzido, mas isso não desanimou nem enfraqueceu a busca por vida longa e próspera.

Contudo, num contexto pós-moderno como o que estamos inseridos atualmente, o Humano ou as características que assim o tornam, passam por um processo de elevação biológica e cibernética que propiciou um novo questionamento “o que é o humano?” As características genótípicas e fenotípicas já não são mais o suficiente para conferir humanidade aos seres que se tornam cada vez mais modificados geneticamente.

Porém, oportunidades de vida que se sobrepõe aos limites humanos, trazem consigo um grande desconforto aqueles que lhe tomam conhecimento. No romance de Ishiguro, há passagens em que a narradora/personagem deixa claro que as poucas pessoas que cuidavam da instituição em que vivia durante a infância, demonstravam repulsa e pavor em relação a ela aos demais clones. Na obra de Caradog W. James e em tantas outras com o mesmo teor pós-humanístico, a sensação provocada no espectador é de um desconforto colossal, como se fossemos repentinamente abatidos por uma grande angústia a qual se prolonga por toda a narrativa dado o grande poder de cativante que o cinema exerce sobre as pessoas.

Mediante isso, esse trabalho se propõe a expor este estranhamento do humano perante seres híbridos, o que acarreta esse estranhamento, bem como a visão que cada personagem tem sobre si mesmo, dentro das obras, e o quanto a ficção aproxima-se da realidade. Sendo assim o problema que gerou essa pesquisa foram as seguintes perguntas, o que confere humanidade ao indivíduo? Serão apenas os fatores biológicos

ou apenas o fato de pensar torna alguém/algo humano? Ou seria uma junção desses fatores? E por que somos tão afetados interiormente por essas questões? O método abordado é o explicativo, que se dará a partir de pesquisas bibliográficas abrangendo diversos autores. Tendo como hipótese: os seres híbridos ou geneticamente modificados podem possuir uma alma?

O que motivou a escolha do tema foi à simpatia com os textos literários e cinematográficos, uma vez que a participação do grupo de pesquisa NUPELC só favoreceu essa paixão perante a Literatura, bem como a identificação e curiosidade sobre a obra literária de Kazuo Ishiguro, *Não me abandones jamais* (2016) e a obra cinematográfica dirigida por Caradog W. intitulada *Soldado do Futuro* (2013) as quais tratam sobre questões de alma e o que caracteriza o ser como humano, onde o primeiro, um romance trás indagações sobre a criação de clones a sua importância enquanto ser criados com um propósito único e pré- estabelecido e como eles transitam entre os suas escolhas e suas obrigações, o segundo por sua vez nos apresenta a criação de um ser perfeito, com todos os usos que tecnologia possa vir a proporcionar, mas que vivência a mesma situação entre o que é híbrido e o que é humano.

Diante do horror e do fascínio que essas questões exercem sobre a humanidade, buscaremos através desse trabalho criar uma linha entre a importância da alma e o poder que ela exerce sobre as relações humanas e a própria humanidade. Para isso usaremos, como fonte de análise o texto *Não me abandones jamais* (Kazuo Ishiguro, 2016. 2ªed) e o filme *Soldado do Futuro*,(2013) que foi dirigido por Caradog W. James, que nos servirão para análise do humano e as muitas facetas que o fazem ser o que é dentro do contexto pós-humano em que se passam ambas as narrativas.

Sendo assim, os textos a serem trabalhados abordarão questões de alma e morte bem como o poder que o medo da morte tem em afetar nossas vidas e como isso interfereem nossas ações. Considerando que “A morte, nesse processo histórico de devir, é a negação que age positivamente no sentido de estimular nossas ações; é, portanto, a força dinâmica que nos impulsiona.” (BLANCHOT, 2013. p.182). Tomando essa premissa, logo notaremos que ao longo de todo esse trabalho, suscitaremos essas questões subjetivas que citamos anteriormente a todo o momento, sendo portanto, a morte, um dos pontos cruciais para a apresentação desse trabalho, uma vez que ela motiva as tramas a serem analisadas, tema que está presente de maneiras distintas, mas

que apesar disso, conversam em ambas as obras que serão apresentadas com mais detalhes no desenrolar das duas análises que se seguirão nos próximos capítulos.

Para tal, nosso trabalho buscará trazer essas questões acima descritas, embasadas nas perspectivas de autores como Tomaz Tadeu (2009), Maurice Blanchot (2013), René Descartes (2002), Marcel Martin (2005), Cláudio Cardoso de Paiva (2007) e outros.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: No primeiro capítulo trataremos um pouco sobre o romance de Kazuo Ishiguro intitulado *Não me abandone jamais* (2016), trazendo também uma sucinta abordagem sobre características dos personagens e um breve resumo da obra. No segundo capítulo apresentaremos o filme *Soldado do futuro* (2013), que aborda a questão da morte como fator para existência, bem como o que torna a relevância do mesmo para o tema.

CAPÍTULO I

CLONES PODEM SER HUMANOS?

Para iniciarmos o presente trabalho, começaremos por situar o leitor no texto de Ishiguro, que traz uma história que é narrada em primeira pessoa por Kathy H. que inicia a narrativa a partir dos primeiros anos de sua infância, como ela conheceu seus melhores amigos Tommy e Ruth, e o que eles faziam juntos que os fez desenvolver laços de amizade, que tipo de coisas estudavam, como era a rotina do lugar onde cresceram, sendo tudo isso feito de maneira bastante peculiar por serem os fatos narrados unilateralmente pela perspectiva da narradora- personagem.

Abordaremos o tema dos seres híbridos, ou seja, a junção de duas espécies diferentes, no qual a nomenclatura se aplica melhor a segunda obra, porém não foge ao que se propõe no texto de Ishiguro, que relata com uma perspectiva ousada a situação de clones criados para doação de órgãos e a posição desses personagens perante suas possibilidades de ser e existir.

Adorávamos nosso pavilhão de esportes, talvez porque nos trouxesse à mente aquelas deliciosas casinhas que apareciam em tudo quanto era livro ilustrado, quando éramos crianças. Lembro-me de nós, ainda nos anos Júnior, implorando aos guardiões para que dessem a aula seguinte lá, e não na sala habitual. Mais tarde, quando cursávamos o Sênior 2 — quando tínhamos doze para treze anos —, o pavilhão se tornou nosso esconderijo predileto, nosso e dos nossos amigos mais íntimos, quando queríamos fugir de tudo e de todos em Hailsham. (ISHIGURO, 2016, p.13)

A infância da personagem Kathy H. é narrada em detalhes contendo suas impressões, seus medos, seus temores, suas brincadeiras, suas amizades. Dito isto, é possível perceber qual a importância de Kathy para a obra, uma vez que a história nos é apresentada perante a sua visão, o que nos aproxima da personagem despertando em nós um gatilho para descobrir como se dará o clímax de toda a história.

No desenrolar da obra, não identificamos precisamente quem são, ou o que fazem os indivíduos presentes na narrativa, após conhecermos a vida de alguns dos personagens, somos passados então para um novo patamar do enredo, onde descobrimos que eles são clones, ou seja, seres geneticamente modificados, tendo nesse momento a concepção de clone proposta por Webber (1903) quando afirma: “como uma população de moléculas, células ou organismos que se originaram de uma única célula e que são idênticas à célula original e entre elas”(citado em Zatz, 2004). No decorrer da narrativa, passamos a conhecer melhor o ambiente que se encontram inseridos as personagens, e

qual o motivo de estarem nesse ambiente, e mediante a leitura descobriremos que eles foram criados apenas com o intuito de doar seus órgãos assim que chegassem a fase adulta.

Nesse meio tempo entre a criação desses e o momento das doações, todos os personagens passarão por todos os processos naturais da humanidade, infância, adolescência, descoberta da amizade, da sexualidade além de contarem com uma educação artística, literária, musical e outras dentro do próprio internato em que foram criados.

E é dentro desse contexto que se desenvolve um boato que caso algum casal que se forme ao longo do período de escola ou de formação de cuidador de clone, conseguir comprovar que há entre eles algo mais que apenas envolvimento físico, e sim sentimental e emocional, ou seja, se conseguissem provar que tinham uma alma, lhes seria ofertado à possibilidade de viverem mais tempo para que pudessem estar mais tempo juntos, precisamente, três anos de adiamento.

Kathy e Tommy sempre demonstraram um grande afeto entre si desde a infância, porém por fatores externos, nunca conseguiram desenvolver um relacionamento, contudo chegou um momento em que já não havia mais nenhum impedimento entre eles, ambos se dispuseram a desenvolver um relacionamento, mas já era um pouco tarde, pois Tommy já havia começado a fazer as suas doações, e sua qualidade de vida já não era mais a mesma, diante disso tentaram um adiamento das suas doações para poder por fim desfrutarem dos sentimentos que sempre nutriram entre eles.

Para tal comprovação, acreditavam que conseguiriam fazê-la por meio da apresentação de seus trabalhos artísticos que produziram ao longo de suas vidas dentro da escola ou fora dela, entendendo que estes lhes confeririam sensibilidade suficiente para atestar a existência de uma alma dentro deles, ou seja, lhes imputaria humanidade.

[...] não basta que esteja alojada no corpo humano, assim como um piloto em seu navio, a não ser talvez para mover seus membros, mas que é necessário que esteja junta e unida a ele mais estreitamente, para ter, além disso, sentimentos e apetites semelhantes aos nossos, e assim compor um verdadeiro homem. (DESCARTES, 2002, p. 123-124).

Segundo Descartes, não existe alma sem corpo e para que esta alma seja de fato, parte integrante desse corpo, é preciso que haja emoções, e comportamentos similares

ao que concebemos como humano, logo, de acordo com Descartes podemos admitir que os Clones de *Não me abandone jamais* (2016) possuíam alma sem nenhuma sombra de dúvidas, uma vez que todos eram dotados de sentimentos, emoções, detalhes minuciosos de personalidade, gostos, pensamentos e comportamentos, perfeitamente ligados aos comportamentos humanos os quais passaremos a expor doravante.

Desenvolvi uma espécie de instinto em relação a eles. Sei quando devo permanecer por perto oferecendo consolo e quando é melhor deixá-los em paz; quando escutar o que têm para falar e quando tão-somente encolher ombros e dizer-lhes que não se entreguem ao desânimo. (ISHIGURO, 2016, p.10)

A narradora demonstra sentimentos típicos da humanidade, tais como preocupações de bem-estar físico e mental para com os seus semelhantes, bem como o desenvolvimento de um intelecto que a torna capaz de demonstrar amor por pessoas que ela mal conhece, ou se quer tem um relacionamento.

Diante das constatações postas na obra de Ishiguro, podemos atribuir humanidade aos seus personagens, uma vez que temos por humanidade o ser racional e diante disto, nos são apresentados todos os anseios das personagens, a citar: Tommy, Kathy, Ruth, os quais comportam em sua essência características humanísticas, uma vez que a singularidade daquilo que é humano encontra-se destacado em cada característica desses personagens. Mediante isto, vemos que o ser humano, vai além de um corpo suscetível a sensibilidade e emoções, mas está também atrelada a alma, pois para a existência de um, se faz necessária a existência do outro, visto que ambos são inseparáveis.

A partir desse ponto, já podemos ver que há muito mais em uma alma do que somos capazes de compreender, Kathy vai muito além de um simples clone, ela possui alma, uma vez que Descartes descreve que a alma está diretamente ligada ao corpo e a maneira como nos comportamos, nos trazendo apetites, vontades, desejos. A alma não é apenas algo composto no corpo, ela o move, sendo assim, qualquer ser que seja capaz de raciocinar, gostar, comer, sentir e fazer escolhas, é considerado portador de uma alma.

Em todo momento Kathy descreve não apenas o seu passado de maneira cronológica, mas também os seus sentimentos, as suas frustrações, as suas decepções, e como existem algumas lacunas de coisas que aconteceram há muito tempo, mas que não se apagaram por completo o que também é próprio da memória humana. Kathy mostra

que possui todas as características de um humano em cada trecho da história. “Eu gostaria de poder dizer que não. Mas, para ser sincera, fumei [...]. Durante uns dois anos, quando era mais jovem.” (ISHIGURO, 2016, p.172), nesse trecho é possível ver que assim como a maioria dos jovens, Kathy também teve o seu momento de rebeldia e que depois de alcançar a fase adulta entendeu o que o não fumar significava, e a carga que isso representava para a sua saúde.

Os clones apresentam comportamentos perfeitamente humanos em todo o momento, a exemplo podemos mencionar o momento em que os colegas de Tommy lhe pregam uma peça quando ele ainda era uma criança: “Tommy explodiu num berreiro infernal e os meninos, que já então riam abertamente, começaram a correr na direção do Campo de Esportes Sul”. [...] Depois começou a berrar e xingar [...]” (ISHIGURO, 2016, p.23), dessa maneira podemos perceber reações emotivas de furor e raiva nas ações de Tommy.

Sobre isso nos diz o texto de Tomaz Tadeu: “[...] uma das mais importantes questões de nosso tempo é justamente: onde termina o humano e onde começa a máquina?” (TADEU, 2009. p. 10) Essa indagação trazida por Tadeu nos acompanhará ao longo de todo esse trabalho, afinal, quais são os limites entre o que é humano e o que é artificial? Que comportamentos a serem analisados são capazes de nos dar uma resposta definitiva a respeito disso? Mais adiante nos aprofundaremos nessas questões.

Ainda sobre reações humanizadas presente nos personagens de *Não me abandones jamais* (2016), é possível notar também características emotivas de egoísmo e medo da solidão, claramente presentes na personagem da melhor amiga de Kathy, que apresenta sentimentos individualistas e totalmente egocêntricos, Ruth, amiga de Kathy, mostra importar-se única e exclusivamente com o seu próprio bem-estar, a prova disso, é que ela estava empenhada durante toda a história em separar Kathy de Tommy, mas que na verdade identificamos depois como um grande medo que a personagem sentia de perder sua amiga.

Ao perceber que eles nutriam sentimentos um pelo o outro, Ruthy que considerava Kathy sua única amiga de verdade, sentia-se ameaçada com a possibilidade de relacionamentos de ambos e ela ser deixada de lado, e por essa razão, a única maneira que ela encontrou de resolver a situação, foi se relacionar com Tommy, alegando também nutrir sentimentos verdadeiros por ele julgando que Kathy não iria se

opor a relação e dessa maneira impossibilitando Tommy e Kathy de terem um relacionamento e mantendo dessa forma a sua amiga por perto. “[...] eu afastei vocês um do outro”. (ISHIGURO, 2016, p.278).

Por fim, Kathy e Tommy não conseguem se desvencilhar do destino que lhes foi imposto:

Quer dizer então que os adiamentos não existem? Não há nada que a senhora possa fazer? Miss Emily sacudiu a cabeça de um lado a outro. Não há nenhuma verdade nesse boato. Eu sinto muito. Sinto mesmo. (ISHIGURO, 2016, p.621). Quer dizer que não existe a menor possibilidade de nada. Nada de adiamento, nada de nada. [...] Miss Emily, porém, interveio com delicadeza: Não, Tommy. Não há nada de nada. A sua vida deve agora seguir o curso que foi estabelecido para ela. (ISHIGURO, 2016, p.641).

E é apenas neste momento que eles entendem exatamente porque não podem ter suas doações adiadas: “Nós levávamos seus trabalhos porque achávamos que eles revelariam a alma de vocês. Ou, para esclarecer melhor a questão, fazíamos isso para **provar que vocês tinham uma alma**” (ISHIGURO, 2016, p.626. Grifos do autor).

Sendo assim, cabe acrescentar, o processo de subjetivação de cada indivíduo presente na narrativa, uma vez que Lemos (2007) afirma que: a subjetivação é o resultado de uma prática concreta, que sai de todas as atividades do homem, seja nos jogos de poder em que ele está envolvido, seja através de suas práticas discursivas. Diante dessa afirmação, podemos verificar que o discurso proferido pelos personagens é em sua plenitude particular, uma vez que mesmo eles (Kathy, Ruth, Tommy) tendo um destino previsto, eles se enxergam enquanto sujeitos, têm auto-sugestão de si, autocontrole, e são capazes de pensar e organizar esses pensamentos.

O que acontecia de fato não era a falta de humanidade nos clones, mas falta de aceitação, a estranheza que essa nova variedade de indivíduos provocou nas pessoas, pois assim como relata Tomaz Tadeu: “É no confronto com clones, ciborgues e outros híbridos tecnonaturais que a “humanidade” de nossa subjetividade se vê colocada em questão.” (TADEU 2009, p. 11, grifos do autor) fazendo-as buscar uma explicação paliativa. Fala essa que se confirma na fala de uma das personagens: “Quando pensavam, tentavam se convencer de que vocês não eram de fato como nós. Que vocês eram menos que humanos, de modo que não tinha importância.”(ISHIGURO, 2016, p.633).

As pessoas estavam dispostas aceitar doações de órgãos de quem elas insistiam em ignorar a humanidade, porque julgando assim não parecia algo tão antiético, mas

quem é capaz de conferir humanidade a alguém? Que fatores seriam analisados para tanto?

Isso traz à tona outra penumbra que assombra o ser humano, a respeito disso diz Tomaz Tadeu, “A ideia do ciborgue [...], tal como a da [...] da clonagem, é aterrorizante, não porque coloca em dúvida a origem divina do humano, mas porque coloca em xeque a originalidade do humano.” (TADEU, 2009, p. 15)

Nesse sentido, podemos inferir que o que realmente assombra a humanidade é a possibilidade de perder o controle sobre aquilo que acreditamos nos ter sido dado por direito, de livre e espontânea vontade, sem nenhuma pressão exterior, e a partir do momento que esse direito passa a ser compartilhado por criações tecnológicas, coloca-se a prova a realidade que conhecemos e que consideramos ser a única aceitável para se admitir humanidade.

O ser humano sempre se colocou na posição de ser dominante, e se ver diante da possibilidade de perder essa “dominação” traz espanto e terror: “Uma coisa é criar alunos como vocês, para o programa de doação. Mas uma geração de crianças criadas para tomar o nosso lugar na sociedade? Crianças comprovadamente *superiores* a todos? Ah, não. Isso assustou as pessoas. Essa possibilidade foi rejeitada.” (ISHIGURO, 2016, p.636 grifos do autor)

Sempre foi próprio do homem temer aquilo que não conhece, de maneira que a existência de indivíduos que ele não sabe realmente como são, como agem, que valores possui, e principalmente se são superiores física e intelectualmente pondo em risco a sua supremacia, isso não poderia acontecer, sobrando assim para o homem segregar essas pessoas para que simplesmente não possam jamais ser livres, mesmo que isso implique lhes retirar até mesmo aquilo que lhes é intrínseco, sua subjetividade, seu cerne, a sua alma.

CAPÍTULO II

“ONDE TERMINA O HUMANO E ONDE COMEÇA A MÁQUINA?”

O presente capítulo pretende ratificar as idéias de humanidade, alma, subjetividade e subjetivação defendidas nos capítulos anteriores, só que agora com o um apelante, que é o fato de se tratar não mais de um romance e sim de um filme, e não mais de clones biológicos, e sim de ciborgues, a perpetuação da vida neste caso, não se faz através da genética e sim da robótica, o que, portanto, dada a grande semelhança discursiva entre as duas obras (literária e cinematográfica) e o grande potencial de envolvimento que o cinema exerce sobre seu expectador, potencial este que muito tem a nos oferecer para a reafirmação da nossa tese, considerando que:

A imagem constitui o elemento de base da linguagem cinematográfica. Ela é a matéria-prima fílmica e, simultaneamente, uma realidade particularmente complexa. A sua gênese é, com efeito, marcada por uma ambivalência profunda: é o produto da actividade automática de um aparelho técnico capaz de reproduzir exacta e objectivamente a realidade que lhe é apresentada, mas ao mesmo tempo esta actividade é dirigida no sentido preciso desejado pelo realizador. A imagem assim obtida é um dado cuja existência se coloca simultaneamente em vários níveis da realidade, em virtude de um certo número de caracteres fundamentais [...]. (MARTIN, 2005, p.27)

Assim sendo, seguiremos com nosso intuito de observar características humanas em ciborgues, seres híbridos ou geneticamente modificados, trazendo a tona também as questões que envolvem essa subjetividade de “o que pode ser de fato o humano, por que esse tipo de ficção provoca tanto mal estar no expectador enquanto assiste?”

A partir disso, sabendo da relação das obras citadas, usaremos como base textos de autores como: Martin (2005), Lima (2005), Paiva (2007) e outros para que dessa maneira possamos nos aprofundar na discussão acerca dos benefícios que o cinema trás para a melhor percepção dos acontecimentos da obra cinematográfica dirigida por Caradog W. James, intitulada, *Soldado do Futuro* (2013), uma vez que faz uso não apenas de uma narrativa, mais também de recursos audiovisuais.

O filme que nos propomos a analisar foi produzido e filmado no Reino Unido e teve Caradog W. James como roteirista e também diretor. Tendo como título original *The Machine* é considerado dentro do gênero de ficção científica e suspense e sendo lançado no ano de 2013, chegou ao Brasil no ano seguinte com título, *Soldado do Futuro*, nomenclatura esta que adotaremos a partir de então, visto que o estudo foi feito com a versão dublada para o português.

Usaremos fragmentos do filme, para tentar elucidar de forma sucinta, a definição de alma enquanto fator que confere humanidade a personagem a ser estudada nesta seção deste trabalho, a qual tem o nome de Ava. Para isso faremos uso de autores a citar: Moreira (1967), Martin (2005), Heidegger (2012) entre outros.

Começaremos por adotar uma definição do que vem a ser considerado alma, uma vez que esta é portadora em toda a sua infinitude de características, filosóficas e divinas, porém a definição que apresentaremos, é a do Dicionário Mor da Língua Portuguesa que a define como: “Sede da sensibilidade e inteligência, [...] consciência, entidade imortal que vivifica o ser humano” (MOREIRA, 1967, p.137)

Segundo a definição acima, podemos entender por alma, tudo aquilo que dá vida ao ser. E uma vez que a racionalidade está ligada a consciência, dizemos então que um ser vivo que é capaz de atribuir valores, que é capaz de pensar de maneira coerente e assim projetar as suas idéias são considerados humanos, por assim ser. A partir dessa proposição, seguiremos com nossa análise da obra cinematográfica.

O filme se passa num contexto de tecnologias fictícias desenvolvidas durante o período da Guerra Fria, que envolvia pesquisas em recuperação de danos cerebrais causados por ferimentos de batalha nos soldados que lutaram na Segunda Guerra através da implantação de um tipo de chip que possibilita melhora significativa na memória, raciocínio lógico, mobilidade audição e visão.

A imagem a seguir é uma das primeiras cenas do filme e é também uma das mais emblemáticas com relação ao tipo de pesquisa que já citamos anteriormente. Além disso, trata-se de um quadro que captura uma “realidade” muito desconcertante.



(Imagem I)

O que de acordo com Marcel Martin, se deve ao fato de que “A imagem filmica é [...], antes de tudo, *realista*, ou melhor, dotada de todas as aparências (ou quase) da realidade.” (MARTIN, 2005. p, 28. itálico do autor).

Logo, podemos dizer que estranheza causada pela imagem se dê em função de sua verossimilhança, mas afinal, se de fato fosse possível recuperar um dano cerebral tão acentuado, isso não seria algo maravilhoso? De fato seria incrível, no entanto a sensação de desconforto perante essa imagem, ou seja, essa representação do real, se dá pelo o fato de nós nos preocuparmos como esse acontecimento, ao ponto de imaginarmos como seria se isso acontecesse conosco, devido aos mecanismos instintivos que o nosso cérebro transmite perante a situações que nos tire da nossa zona de conforto, ou seja, aquilo que estamos habituados a viver, ou a ver.

A pesquisa era desenvolvida por uma instituição privada, mas que desfrutava de recursos ilimitados do governo, visto que este era o maior interessado nas experiências, que visavam acima de qualquer coisa, a criação de um soldado “perfeito”, que fosse invulnerável a dor, capaz de matar friamente e de obedecer a ordens expressas de um superior, enfim, uma arma, uma máquina de matar inteligente. O que tornaria o criador de tal coisa, o vencedor da corrida armamentista da Guerra Fria.

Esse experimento, porém, apresenta sucessivas falhas, as cobaias, todas com danos físicos ou cerebrais como retratado na imagem I, parecem ser contaminadas por uma espécie de vírus, que os torna pouco suscetíveis a ordens de terceiros, perdem

gradativamente a capacidade de fala, acabam se tornando um tipo de ser aos quais eles próprios não reconhecem, como se já não soubessem o que são.

O cientista responsável, no entanto, não se dá por vencido, pois vê nessa pesquisa a possibilidade de encontrar a cura ou mesmo uma remediação para uma doença cerebral degenerativa que sua filha possui, e embora seu trabalho envolva coisas que ele mesmo não julga éticas, acaba fazendo vista grossa e persistindo para não perder o alto investimento em sua pesquisa que também é na verdade, sua única esperança de salvar sua filha.

Esperança essa que passou a ser a força que movia a sua existência, pois como afirma Heidegger:

A morte se desvela como perda e, mais do que isso, como aquela perda experimentada pelos que ficam. Ao sofrer a perda, não se tem acesso à perda ontológica como tal, sofrida por quem morre. Em sentido genuíno, não fazemos a experiência da morte dos outros. No máximo, estamos apenas 'junto' (HEIDEGGER, 2012, p. 213)

Para Vincent, o que mais o apavorava era saber que poderia perder a sua filha, a morte tinha uma representação não apenas real, mas ficcional para ele, pois ele tinha em si a expectativa de poder vivenciá-la com sua filha, e que apesar de saber que isso não seria possível, se apegava ao fato de poder amenizar essa passagem da sua filha, porém como afirma Heidegger à morte não é algo que possa ser compartilhado, é uma passagem única, desvinculada de acompanhamento, no qual cada uma passar por esse processo sozinho, e a única coisa que fazemos é estar presente nesse momento.



(Imagem II)

O cientista Vincent McCarth, um homem inteligente e de valores éticos visíveis, tem a pesar disso, usado os investimentos governamentais em sua pesquisa para tentar curar a sua filha por meio do mesmo tipo de implante cerebral que usa em suas cobaias.

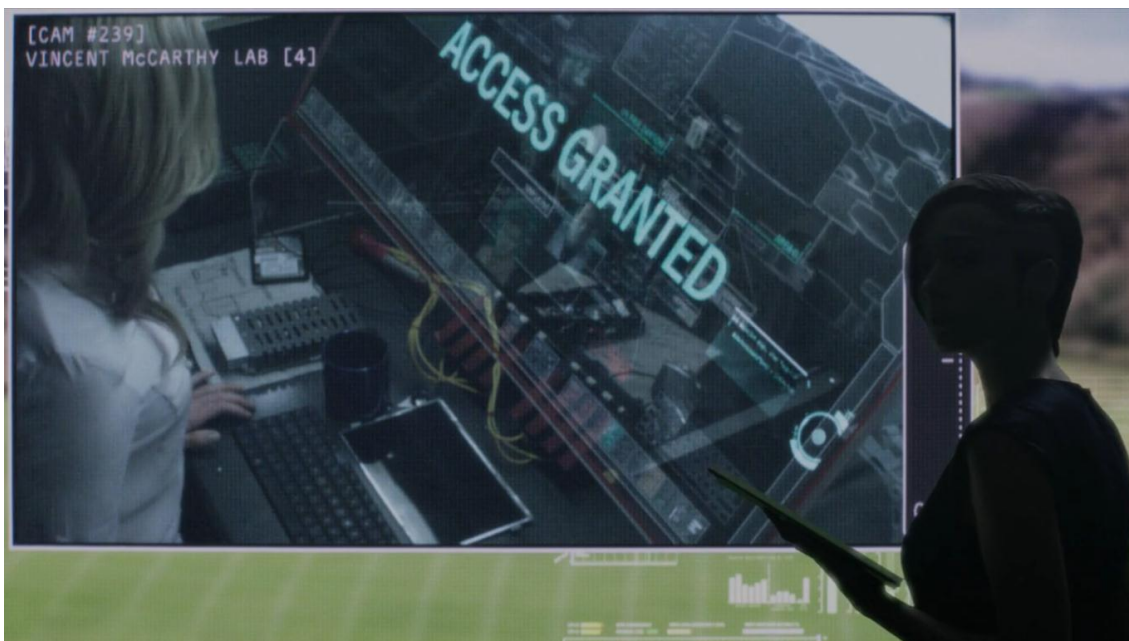
Para tanto, ele também busca um cientista que desenvolva algo semelhante, só que a área da cibernética. Então conhece a doutora Ava, uma cientista brilhante que cria computadores realmente inteligentes e com capacidade de aquisição de informações não apenas lógicas, como também emotivas, de interação, de sensibilidade e de raciocínio.

Tudo isso se daria a partir de uma espécie de escaneamento do cérebro de Ava, que envolvesse a captação de todas as informações que a constituía enquanto pessoa, com todas as suas singularidades e idiosincrasias, seus medos, seus desejos, seus gostos e preferências, o que a deixava triste, o que a alegrava, suas expressões de medo, surpresa, alegria enfim, tudo o que ela era.

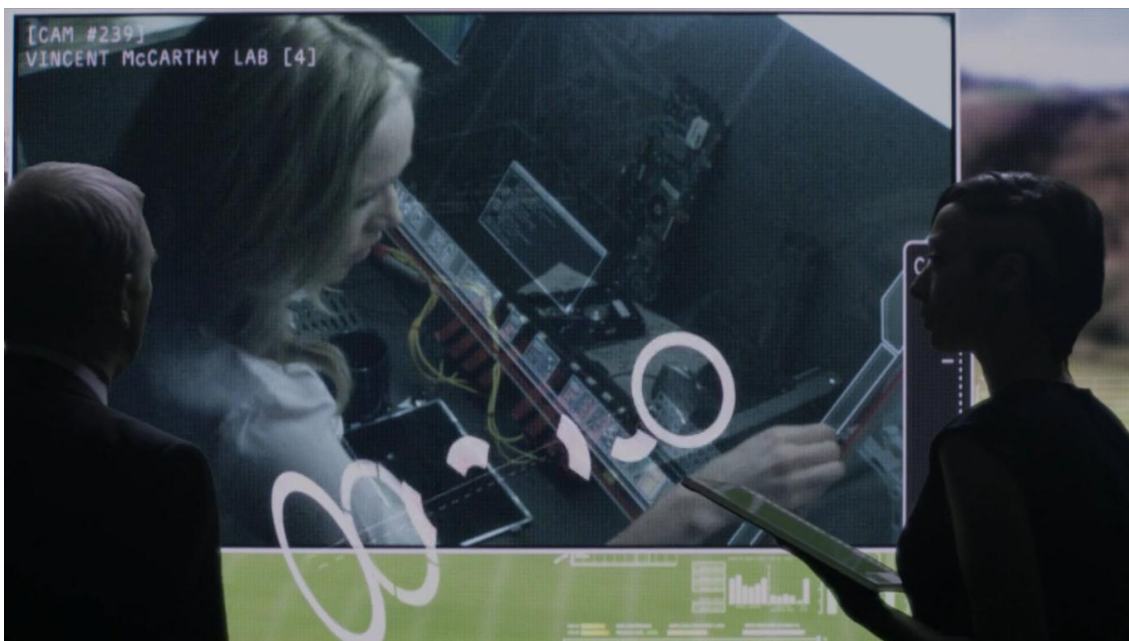


(Imagem III)

Nesse meio tempo, enquanto era concluído esse processo, a cientista acaba se interessando em descobrir que tipo de pesquisa especificamente é desenvolvida naquele lugar e se compadecendo da situação das cobaias o que a leva a investigar sozinha o que se passava, o que ela não sabia era que todos os seus movimentos eram monitorados, mesmo dentro do seu próprio laboratório.



(Imagem V)



(Imagem VI)

E acaba sendo flagrada pelo diretor da instituição salvando o histórico dos pacientes que já foram atendidos no laboratório do doutor McCarthy em um dispositivo de raqueamento, o que a levaria a descobrir não apenas quem foi cada uma daquelas pessoas, mas também o que aconteceu com elas e que tipo de fim tiveram.

Essa curiosidade e esse interesse acabaram decretando o seu fim, a partir do momento em que é descoberta, Ava tem imediatamente sua morte encomendada para que essas informações não vazassem e colocassem a perder todo o investimento e todos os avanços que o governo já havia feito e conquistado.

Com a morte de Ava, Thompson chefe da organização, convence Vincent de que os chineses (seus principais inimigos) teriam tramado e efetuado a morte da jovem cientista com intuito de atrapalhar suas pesquisas. Não havendo mais o que pudesse ser dito ou feito, McCarthy então decide prosseguir com a criação do protótipo de seu trabalho.

E é a partir desse momento que pretendemos fazer uso mais a fundo da temática desse filme, Vincent está fazendo isso para criar uma máquina, e não refazer sua colega de trabalho, por considerar que sendo criada por suas mãos, mesmo com a implantação de todos os dados que recolheu, tanto referente a consciência de Ava como também a sua fisionomia, mesmo diante disso, para ele, ela não poderia ser humana, pois não poderia ser dotada de uma alma. Como podemos ver no fragmento seguinte retirado do filme, onde ele decide que colocará o seu estudo em prática:



(Imagem VII)

Vincent: Quero avançar para a segunda fase usando o escaneamento do rosto da Ava.

Thompson: Isso é uma boa ideia, o cérebro, e agora o rosto.

Vincent: Não será Ava, será uma máquina.

A partir da citação acima, podemos ver que tipo de concepção que Vincent tinha com relação ao que estava fazendo e ao resultado final que obteria, porém no decorrer do filme essa pré-concebida visão será totalmente confundida, diante dos acontecimentos que seguirão.

Vincent então, já desenvolvera uma tecnologia avançadíssima capaz de recriar órgãos amputados que se adaptassem ao tom de pele do usuário seja ele qual for, que eram sensíveis ao toque e que respondiam a estímulos neurais daquele que a usasse. Utilizando esse princípio, criaram então um corpo que simulava o de Ava para que fosse feito o implante cerebral.



(Imagem VIII)

Contudo, o funcionamento do implante é tão excepcionalmente bom, que deixa o próprio Vincent desconcertado, a final, o que foi que ele criou?

Como trata se de um protótipo de uma máquina de matar, o treinamento da máquina é iniciado para que se verificasse que tipo de sentimento desencadearia nela o desejo de matar. Porém, dada a ligação anterior de Ava com Vincent, a máquina acaba por desenvolver um sentimento de carinho e confiança para com ele o que acaba frustrando os planos de seus idealizadores uma vez que Vincent exerce grande influencia sobre ela e acaba a ensinando a não matar, não agredir e nem usar sua força para intimidar as pessoas.

Tendo em mente esses princípios já advindos de sua original e reforçados por Vincent, a máquina começa a confundir os conhecimentos e as crenças de desse tão experiente cientista:



(Imagem IX)

Como ela poderia sentir e também despertar tantos sentimentos em alguém sendo o que é? Sendo apenas uma máquina?



(Imagem X)

“A máquina” diz perceber o sofrimento que seu criador sente e sabe que é em relação a sua filha doente, ela se comove, sente empatia pela dor dele e lamenta não poder ajudá-lo. Diante desse paradoxo, Vincent a coloca contra a parede:



(Imagem XI)

Vincent: O que você é de verdade? Como vou saber que você está viva e não é apenas uma inteligente imitação da Ava?

“Máquina”: Como sabe que Thompson está vivo? Ou sua filha? O que torna a minha representação inteligente da vida diferente das deles?

Vincent: eles são humanos, eles estão vivos.

“Máquina”: mas como você sabe disso? Você não pode ver pensamentos. Tirando a carne, o que eles têm que é diferente de mim?

No aliado ao diálogo acima, Ava mostra que o que concebe humanidade ao ser, vai muito além da estrutura física, de estruturas moleculares, enfim, para ela é demonstrar que possuir consciência, e a capacidade de usar essa consciência de maneira coerente, possuindo gostos, desejos, medos, inseguranças, receio sobre o futuro, raiva e todos os sentimentos que compõe aquilo que definimos por alma no ser humano, e sendo essas características presentes em todo o seu ser, o a tornaria não humana?

Pensando a alma enquanto fator que atribui todas as características acima citadas a um indivíduo, o fato dela não ser feita de carne e osso, que é o que compreendemos por humano, na verdade, não a torna menos ou mais humana, menos ou mais viva, pois a sua “alma”, algo que ela prova ter, a permite viver e ter conhecimento sobre essa perspectiva de vida. Sendo assim, alma vai muito além de divindade ou atribuições filosófica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambas as obras descritas anteriormente possuem pontos de convergência e de divergência no que se refere ao que nos propomos a analisar, ou seja, a humanidade de seres que foram roboticamente ou geneticamente modificados da sua natureza convencional.

Pontos esses que tornam as obras semelhantes, e, portanto, convergindo no que se refere à atribuição de humanidade a seres criados pela ajuda da tecnologia, seja no âmbito da biologia ou da tecnologia robótica, de modo que ambas nos mostram que conceber vida, no caso humanidade não está apenas ligado a características da genética divina, mas que todo ser que seja capaz de pensar de maneira racional, e que saiba usar essa racionalidade de maneira consistente e sendo capaz de diferenciar o que é bom do que é ruim, pode e deve ser considerado parte da humanidade.

Os pontos divergentes se dão basicamente em relação ao formato das obras, uma Cinematográfica e a outra Literária e aos contextos de mutações que cada narrativa aborda, em um dos casos são clones biológicos que lutam para ter direito as suas próprias vidas uma vez que devido a sua condição, são obrigados a doar seus próprios órgãos vitais até a morte e o outro, um clone cibernético, um ciborgue que tenta provar que apesar de seus circuitos e órgãos movidos a bateria é perfeitamente capaz de sentir e expressar sentimentos e emoções a terceiros, ou seja, que também é humano.

Pode-se perceber, que as obras encontram-se muito a frente do seu tempo, uma vez que ambas tratam de conceitos e idéias futuras, que podem vir a acontecer e dessa maneira nos preparam para aquilo que consideramos até o presente momento estranho, não nos surpreenda, pelo menos não nos apavore, diminuindo assim essa sensação de medo e insegurança, que tomamos para nós ao ler ao assistir uma das obras analisadas, dito isso, percebemos que a hipótese gerada no início de que mesmo seres híbridos ou geneticamente modificados podem possuir uma alma se concretizou, pois a medida que observamos cada ação, sentimento, atitude, comportamento e racionalidade dos personagens analisados, somos automaticamente levados a crer e confiar nisso.

A elucidação das questões apresentadas ao longo deste texto é algo deveras difícil, entretanto, de acordo com a leitura das obras e atribuição das perspectivas de autores renomados, podemos concluir que a concepção natural não é necessariamente a

única forma de criar alguém verdadeiramente humano, mas observamos também que a aceitação de tal coisa jamais poderia se dar de maneira breve nem tampouco amistosa, trata-se de um assunto muito complexo e delicado e que envolve todo um processo de assimilação, como sendo uma grande perda mesmo.

Afinal, de fato trata-se de uma perda, uma perda de identidade do humano da maneira que o concebemos para uma renovação física e biológica. Contudo, essa renovação precisa ter o seu espaço assegurado, uma vez que, se continuarmos nessa busca incessante de prolongar a duração das nossas vidas, nos tornaremos cada vez mais “ciborgues” com implantes de próteses, aparelhos ortodônticos, ortopédicos, auditivos e também híbridos de outras pessoas através de doações de órgãos de sangue.

Assim sendo, uma nova configuração na forma de ver a humanidade e seus preceitos precisa ser brevemente difundida no intuito de fazer evoluir o homem para uma nova etapa e que esta se dê sem sofrimento como se deram tantas outras mudanças pelas quais o homem teve passar e que passou, mas com grande martírio.

REFERÊNCIAS

- BLANCHOT, Maurice. **Negatividade e morte no pensamento**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 48, n. 2, p. 182-190, abr./jun. 2013
- DESCARTES, René. **Discurso do Método: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências**. Tradução de Thereza Chistina Stummer. São Paulo: Paulus, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ISHIGURO, Kazuo. **Não me Abandone Jamais**. Tradução Beth Vieira - 2ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Tradução Lauro Antonio e Maria Eduarda Colares- Lisboa: Dinalivro, 2005.
- MOREIRA, José Mantovani (org.). **Dicionário Mor da Língua Portuguesa Ilustrado**. V 01. Edição livro mor Editora LTDA. São Paulo: Editora Pedagógica Brasileira, 1967.
- Lemos, F. C. S. (2007). **História, Cultura e Subjetividade: Problematizações** [Versão eletrônica]. Revista do Departamento de Psicologia-UFF v. 19 (1), p.61-68, jan/jun.
- PAIVA, Cláudio Cardoso de. **O cinema, a realidade virtual e a memória do futuro**. Revista Sem Fronteiras – Estudos Midiáticos. Set/Dez 2007
- SOLDADO do Futuro**. Direção: Caradog W. James, produção: Caradog W. James; Jamie Carmichael. Reino unido, Flashstar. 2013
- TADEU, Tomaz (organização e tradução)-**Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano** / 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- Zatz, M. (2004). **Clonagem e células-tronco**. Estudos Avançados, 18(51), 247-256.